

## **A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI NO CINEMA PARAGUAIO: A EXALTAÇÃO DE SOLANO LÓPEZ E A REINTERPRETAÇÃO DO CONFLITO.**

**Fábio Ribeiro de Sousa\***

**RESUMO:** O presente trabalho pretende analisar o processo de construção de memória da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio, ressaltando a exaltação da figura de Solano López. O ponto central para esta análise será o filme “Cerro Corá”, de 1978. Dirigida por Guillermo Vera e financiada pelo regime ditatorial de Alfredo Stroessner, esta produção cinematográfica tornou-se fundamental para a exaltação da figura de Solano López e para a conseqüente consagração da Guerra do Paraguai no imaginário dos paraguaios. “Cerro Corá” acompanhou a orientação nacionalista do governo de Stroessner, reproduzindo o *revisionismo histórico* paraguaio, corrente historiográfica que visava realizar uma reabilitação histórica acerca da imagem de Solano López e do conflito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra do Paraguai, Solano López, Cinema.

**RESUMEN:** El presente trabajo pretende analizar el proceso de construcción de la memoria de la Guerra del Paraguay en cine paraguayo, enfatizando la exaltación de la figura de Solano López. El punta central para esta análisis será la película “Cerro Corá”, de 1978. Dirigida por Guillermo Vera y financiado por el régimen ditatorial de Alfredo Stroessner, esta producción del cine hubo tornado esencial para la exaltación de la figura de Solano López y para la conseqüente consagración de la Guerra del Paraguay en lo imaginário de los paraguayos. “Cerro Corá” acompañó la orientación nacionalista de Stroessner, reproduciendo el *revisionismo histórico* paraguayo, movimiento historiográfico que buscava llevar a cabo una reabilitación acerca de la imagen de Solano López y del conflicto.

**PALABRAS-CLAVE:** Guerra del Paraguay, Solano López, Cine.

\*\*\*

---

\* Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ). É professor da educação básica.

A Guerra do Paraguai<sup>1</sup> (1864-1870) é um tema extremamente polêmico, ao longo dos anos, desde o término do conflito, os debates acerca dos acontecimentos e personagens do conflito foram intensos. Dentro desta ótica, a figura do presidente paraguaio durante o conflito, Francisco Solano López (1827-1870), assumiu um papel de destaque.

López<sup>2</sup> é, sem dúvida, o personagem principal da guerra. Como será visto, uma grande marca dos historiadores alinhados à *corrente tradicional* do conflito, era atrelar às ações tirânicas e covardes do presidente paraguaio a causa da guerra. Nenhum outro personagem do confronto gerou tanta polêmica, sua morte, em 1870, na batalha de Cerro Corá, marcou, definitivamente, o início de um processo que se prolonga até os dias atuais, a disputa acerca de sua memória.

Em nenhum outro local a memória da Guerra do Paraguai é tão viva quanto no país levado ao confronto por Solano López. Os paraguaios respiraram a guerra não somente nos nomes dados a ruas, praças e monumentos em homenagem aos combatentes, mas também, através de um processo de mitificação da figura do ex-presidente paraguaio, que saiu dos livros, artigos e periódicos e chegou ao cinema, sim, a 7ª arte, foi fundamental para o processo de monumentalização histórica da Guerra do Paraguai promovido pelo governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989). Em relação ao povo paraguaio e a memória acerca do conflito, as autoras Priscila Lizieiro e Tábita Brito tecem um importante relato:

A História do Paraguai é constituída de lembranças. São seu patrimônio. E estão vinculados à perda e a morte. Com o passar dos anos e das gerações acumulou histórias de guerra para contar, porém, em muitos relatos, o que se sabe sobre a Guerra da Tríplice Aliança se confunde com as impressões e recordações da ditadura. O professor paraguaio Luiz Alberto Cristaldi Escobar, diz que a confusão histórica justifica uma boa relação entre Brasil e Paraguai: *'Se escrevia livros do jeito que o governo queria; não se falava toda a verdade sobre a guerra. A verdade é o pior inimigo do governo. Foi assim durante muito tempo, principalmente no tempo de Stroessner. Este processo fez com que o povo paraguaio esquecesse a guerra contra o Brasil.'*(LIZEIRO; BRITO, 2008, p.12)

É importante ressaltar que, sem dúvida, dentre os países envolvidos<sup>3</sup> no confronto, o Paraguai foi o que sofreu mais danos, a perda mais significativa se deu em

<sup>1</sup> Também conhecida como *Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Grande e Maldita Guerra*.

<sup>2</sup> Francisco Solano López também é chamado de López II, devido ao seu pai, Carlos López. Para este trabalho esta distinção não se faz necessária – López se refere a Solano.

<sup>3</sup> Brasil, Argentina e Uruguai formaram a Tríplice Aliança, contra o Paraguai.

relação ao número de mortos<sup>4</sup> durante o conflito e por consequência das más condições nos campos de batalha, onde os combatentes eram assolados por inúmeras doenças.

Entretanto, num país marcado por uma derrota dolorosa como esta foi justamente onde surgiu um movimento historiográfico de exaltação das ações militares paraguaias e de culto à imagem de Solano López. O revisionismo historiográfico paraguaio surgiu em fins do século XIX, levado a cabo por interesses financeiros, tal movimento atingiu importantes setores da sociedade. A marca mais forte deste processo foi a transformação de Solano López em um grande herói nacional – uma imagem bem distinta da proposta por alguns intelectuais e predominante ao término do confronto.

Durante as primeiras décadas do século XX o *lopizmo* – nome dado a este movimento paraguaio – começou a se fortalecer, e a exaltação da figura de Solano López tornou-se uma prática comum de governos como o dos militares Rafael Franco<sup>5</sup> (1936-1937) e Higinio Morinino (1940-1948). A ascensão dos colorados ao poder, em 1947, além de marcar o início da hegemonia do Partido Colorado<sup>6</sup>, também marca o início do fortalecimento desta corrente historiográfica no país.

O Partido Colorado foi fundado em 1887, por Bernadino Cabellero, um ex-combatente da Guerra do Paraguai, e um homem de confiança de Solano López. No cerne de fundação do partido a figura de Solano López já aparecia com muita força e, conforme nos aponta a historiadora argentina Liliana Brezzo a relação entre o surgimento, o fortalecimento e a disseminação da corrente historiográfica revisionista e o Partido Colorado foi muito íntima:

É também entre fins do século XIX e início do XX quando no Paraguai começaram a manifestar pequenos impulsos por oferecer uma construção intelectual diferente, pressagiando o complexo

<sup>4</sup> Esta é uma das questões mais polêmicas da guerra e explicita o quão difícil é trabalhar com o tema. Os números variam, chegando a apresentar diferenças exorbitantes, isto se deve à falta de dados confiáveis acerca do tamanho da população paraguaia antes da guerra. O historiador brasileiro Francisco Doratioto faz um balanço dos números apresentados por autores e sua pesquisa estipula que a população Paraguai antes do confronto girava em torno dos 450 mil habitantes, havendo uma redução de 60% a 69% com a guerra. Algo bem distinto do apresentado por Chiavenatto, que desenvolve a tese de que a população paraguaia girava em torno de 800 mil pessoas e que ao término da guerra, apenas 194 mil habitantes, sendo estes na maioria mulheres e crianças com menos de 10 anos. Ou seja, segundo ele 96,50% da população masculina do Paraguai foi morta com o confronto.

<sup>5</sup> Rafael Franco estabeleceu o dia 1º de março – dia da morte de Solano López em 1870 – como feriado nacional e declarou-o herói máximo.

<sup>6</sup> A chegada dos colorados ao poder marcou o início da hegemonia do partido, que dominaria a presidência por mais de 60 anos. Somente com a eleição de Fernando Lugo, em 2008, os colorados deixam de comandar o Paraguai, entretanto, a recente crise política paraguaia depôs Lugo e, em eleições realizadas no início de 2013, recolocou os colorados no cerne do poder no país, com a vitória de Horácio Cartes.

caminho que viveria durante o século XX. Começaram a ser publicados em Assunção os periódicos *La Patria*, que, orientado por Enrique Solano López, fazia a reivindicação da memória de seu pai, e *El Tiempo*, em que escreviam Ignacio Pane, Juan O’Leary e Manuel Domingues, que iriam articulando uma leitura alternativa do passado centrada na exaltação da figura do Marechal López e que se alimentava na derrota sofrida na Guerra Grande. Esta campanha revisionista contou com a adesão de muitos filiados do Partido Colorado, como Juan Natalino Gonzalez, e, inclusive atraiu intelectuais identificados com o Partido Liberal, como Juan Pastor Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde e Anselmo Jover Peralta, que se uniram para formar o que passaria a ser chamado de *lopizmo*. No início da segunda década do século XX, a Guerra Grande e o mito guerreiro que encarnava Francisco Solano López – ainda sendo reprimido no âmbito acadêmico e entre o público culto – demonstrava haver sobrevivido na memória de boa parte da sociedade paraguaia, sobretudo nos setores populares (BREZZO, 2005, p.282-283).<sup>7</sup>

Juan Emiliano O’Leary, citado por Brezzo, se destaca como um dos maiores propagadores desta reabilitação histórica acerca de Solano López. Autor de importantes livros<sup>8</sup>, alguns dos principais sobre a Guerra do Paraguai e sobre o presidente paraguaio, o historiador O’Leary sempre buscou defender a imagem de Solano López das acusações que sofria: “O grito feroz de seus inimigos só serviu para dar ressonância à seu nome” (O’LEARY, 1970, p.11)<sup>9</sup>.

Apesar deste trabalho não ter como foco central um debate acerca das correntes historiográfica já produzidas acerca do tema, é fundamental que sejam tragos à tona algumas interpretações das principais correntes historiográficas já produzidas sobre o tema. Esta ação visa orientar o leitor e ressaltar como a Guerra do Paraguai tem gerado intensos debates ao longo dos anos, desde o término do conflito.

---

<sup>7</sup> “Es también en los años entre siglos cuando en Paraguay principian a manifestarse recatados impulsos por ofrecer un construcción intelectual diferente, pressagiando el complejo derrotero que viviría durante el siglo XX. Comenzaron a publicarse en Assuncción los periódicos *La Patria*, orientado por Enrique Solano López y Manuel Dominguez, quienes irían articulando una lectura alternativa del pasado nacional centrada en la exaltación de la figura del Mariscal López y que se alimentaba en la derrota sufrida en la Guerra Grande. Esta campaña revisionista contó con la adhesión de muchos afiliados al flamante Partido Colorado, como Juan Natalicio Gonzalez, e incluso atrajo a intelectuales identificados con el Partido Liberal, como Justo Pastor Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde y Anselmo Jover Peralta, que se unirían para conformar lo que pasaria a denominarse *lopizmo*. Al comenzar la segunda década del siglo, la Guerra Grande y el mito guerrero que encarnaba Francisco Solano López – aún siendo reprimido en el ambito académico y entre el público culto – demostraba haber sobrevivido en la memoria de buena parte de la sociedad paraguaya, sobre todo entre sus sectores populares.”

<sup>8</sup> Destaque para as suas obras: **El centauro de Ybicuí**: a vida heroica del general Bernadino Caballero en la Guerra del Paraguay. Paris: Le Livre Libre, 1929. **El libro de heroes**; páginas históricas de la Guerra del Paraguay. Assunção: Libreria Mundial, 1922. **El mariscal Solano López**. Madrid: Imprenta de Félix Molinos, 1925.

<sup>9</sup> “La grita feroz de sus enemigos sólo há servido para dar ressonância a su nombre”.

O maior confronto armado da América do Sul vem suscitando inúmeras questões. A morte de Solano López, no dia 1º de março de 1870 representou o marco inicial para um extenso debate acerca de acontecimentos e personagens do conflito. O que deve ser levado em conta, e o historiador Francisco Doratioto lembra muito bem, é justamente o contexto histórico no qual estas interpretações foram produzidas.

Existem três correntes historiográficas principais que explicam e analisam a Guerra do Paraguai; *a versão oficial/tradicional*<sup>10</sup> – que começou a ser produzida logo nos primeiros anos após o término do conflito e que contou com relatos de pessoas que estiveram no confronto e o anotaram em seus diários – *a versão revisionista*<sup>11</sup> – que ganha força principalmente na década de 1960, e que apesar de conter algumas explicações pouco fundamentadas em documentos, conseguiu se espalhar com muita força pela América do Sul, e até o hoje tem influenciado no modo como a Guerra é vista – e a *nova história/neorrevisionismo*<sup>12</sup> – que vem ajudando, através de estudos pautados em documentos primários, na quebra de alguns juízos de valor e paradigmas estabelecidos pelas versões anteriores. Abaixo cada uma destas três correntes principais será brevemente analisada.

A *versão tradicional* confere às ações de Solano López a culpa da explosão do conflito. Ele seria o grande vilão da América do Sul, um tirano, que visava expandir o seu território e dominar a região. Segundo Ricardo Salles:

De acordo com a *versão tradicional* do conflito, este foi basicamente decorrente da agressividade de Francisco Solano López, que tinha pretensões expansionistas e hegemônicas na região platina. As razões para essa pretensão não são muito bem explicadas, ficando por conta da vaidade pessoal e da megalomania do governante paraguaio (SALLES, 1990, p.16).

Os autores desta versão, em sua maioria, são militares que participaram da guerra e passaram a escrever sobre ela com base nos escritos de seus diários. Além de pecar por explicar o início do confronto como uma decorrência direta dos ideais

<sup>10</sup> Destacam-se nesta corrente os seguintes trabalhos: CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341 p. e FRAGOSSO, Tasso. **A História da Guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

<sup>11</sup> Destacam-se nesta corrente os seguintes trabalhos; POMER, León. **La Guerra del Paraguai: gran negocio!**. Buenos Aires: Caldén, 1968. e CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

<sup>12</sup> Destacam-se nesta corrente os seguintes trabalhos; DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 617 p. IZECKSOHN, Vitor. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997. e SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 165 p.

tirânicos e agressivos de Solano López, omitindo importantes acontecimentos que acarretaram o conflito – tais como as disputas territoriais e o contexto de formação dos Estados nacionais dos países do cone-sul – a *versão tradicional* não poupou elogios às atuações dos chefes militares aliados, principalmente os brasileiros, como no caso do Marquês de Caxias.<sup>13</sup>

Doratioto esclarece mais alguns aspectos desta corrente historiográfica:

Ficou claro que, desde o final da guerra, em 1870, a historiografia tradicional brasileira reduziu a importância do aliado argentino para a vitória sobre Solano Lopez e minimizou, quando não esqueceu, importantes críticas à atuação de chefes militares brasileiros no conflito. Em compensação, ficou evidente que Francisco Solano Lopez era um ditador quase caricato de um país agrícola atrasado, autor de erros militares que custaram a vida de milhares de seus valentes soldados, mas que foram motivo de suspeito silêncio de seus admiradores futuros, os revisionistas históricos (DORATIOTO, 2002, p.18).

Já a *historiografia revisionista* criou o mito de Solano López como um líder anti-imperialista, que comandava um país extremamente avançado, livre da escravidão e do analfabetismo. O Paraguai passou a ser relatado como um país de desenvolvimento diferenciado em relação aos demais, já que não necessitava dos empréstimos concedidos pela Inglaterra para a sua modernização. Como mostrado, este processo revisionista iniciou-se no Paraguai, em fins do século XIX, sob o nome de *lopizmo*, e configura-se, até os dias atuais, como uma versão historiográfica bastante disseminada, principalmente no Paraguai, que o governo de Alfredo Stroessner popularizou, através de uma grande propaganda política, na qual o filme “Cerro Corá” (Dir. Guillermo Vera, 1978) possui um papel de destaque. Aqui no Brasil, intelectuais positivistas – já em fins do século XIX e antes mesmo de terem contato com os ideais revisionistas – também passaram a criticar a monarquia, culpando-a pelo início da guerra, desta forma, eles entravam em confronto com os autores da *versão tradicional*, que diziam ser Solano López o responsável pelo confronto.

Um fator fundamental para o surgimento deste revisionismo foi a tentativa, por parte de Enrique Venancio Solano López, de reconquistar a posse das terras que sua mãe, a escocesa Elisa Lynch – companheira de Solano López desde 1853, quando se conheceram na França – havia se apropriado durante a guerra:

<sup>13</sup> Luís Alves de Lima e Silva tornou-se Barão de Caxias em 1841, Visconde de Caxias em 1843, Conde de Caxias em 1845, Marquês de Caxias em 1852 e Duque de Caxias em 1869, após retornar dos campos de batalha.

A busca do reconhecimento, por parte de Enrique Venancio Solano López, do direito de receber os bens de que seus pais se apropriaram durante a guerra, explica, em parte, a transformação da imagem de Francisco Solano López de tirano para herói. Relatório sobre a situação política do Paraguai, elaborado em 1931 pela Legação do Brasil em Assunção, lança luzes sobre o nascimento do revisionismo lopizta e explica a surpreendente transformação de O’Leary de crítico à panegirista de Solano López (*Ibid*, p.84).

Esta corrente historiográfica ganhou força na América Latina a partir das décadas de 1960 e 1970, período no qual os países do Cone Sul sofriam com as instalações de regimes ditatoriais chefiados por líderes militares. Criticar as ações militares dos aliados na guerra, apresentando-os como covardes e violentos, atendia à um desejo de desmoralização destes regimes. Ao mesmo tempo, em tempos onde a Revolução Cubana (1959) exercia grande influencia no imaginário latino americano, apontar o Paraguai de Solano López como um precursor de Fidel Castro no que diz respeito à luta contra grandes potências mundiais – EUA para Cuba e a Inglaterra para o Paraguai – tornou-se um discurso muito comum, embora mais panfletário do que acadêmico.

A *nova história* da Guerra do Paraguai é uma historiografia recente e ainda vem sendo construída. Foi no final da década de 1980 que o confronto começou a ser enxergado de outra forma, alguns historiadores passaram a criticar determinadas interpretações propostas pelas correntes anteriores.

A teoria de que a Inglaterra forçou a guerra, unindo Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, não leva em conta os acontecimento geopolíticos da região do Prata<sup>14</sup>, tratando os países envolvidos como simples “marionetes” de um comando externo. A Guerra do Paraguai foi o fruto de inúmeras tensões regionais, e a causa de seu início está ligada às ambições dos países envolvidos. Delimitar a guerra aos interesses ingleses na região é apagar nossa própria história, é reproduzir um grande preconceito e complexo de inferioridade, que, implicitamente, aponta para o fato de que a América Latina não é capaz de fazer sua própria história.

Ainda em relação à historiografia da guerra, vale ressaltar o trabalho empreendido pelo historiador Mario Maestri<sup>15</sup>. O autor constrói uma importante análise

<sup>14</sup> Os rios Paraná, Paraguai e Uruguai, com seus respectivos afluentes, formam a Bacia do Prata – a segunda maior do Brasil.

<sup>15</sup> Destaque para o seu livro, recentemente publicado. MAESTRI, Mario. **A Guerra no papel: História e historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870)**. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013.

acerca da historiografia do conflito, tecendo críticas, inclusive, aos autores da *nova história*. Maestri aponta para o que ele chama de “restauração-nacionalista”, ou seja, uma recuperação das teses nacionalistas da historiografia tradicional, presente atualmente nas obras neorrevisionistas.

Apesar de todo este debate historiográfico acerca do tema, a forma como o cinema retratou a guerra e, no caso de “Cerro Corá”, foi utilizado para disseminar determinados acontecimentos, construindo uma visão que atendesse às perspectivas e aos interesses de alguns grupos, é uma espaço aberto, que carece de estudos aprofundados. Vale ressaltar que importantes produções cinematográficas foram realizadas pelos países que se envolveram no confronto, tais como: “Alma do Brasil” (Dir. Líbero Luxardo, 1932), “Argentino Hasta La Muerte” (Dir. Fernando Ayala, 1971) e “Guerra do Brasil – Toda a verdade sobre a Guerra do Paraguai” (Dir. Sylvio Back, 1987).

Como visto, Solano López, de perverso e tirano – apresentado pela *corrente tradicional* – transformou-se num herói – consagrado *pela versão revisionista*. Sua figura passou a representar o ideal de homem paraguaio; guerreiro, nacionalista. Foi durante o governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989) que a exaltação de Solano López alcançou seu ponto máximo, encontrando em “Cerro Corá” (1978) um grande disseminador dessa imagem positiva do ex-presidente paraguaio. O filme irá retratar três importantes batalhas da guerra; a de Curupaiti (1866), da Piribebui (1869) e a de Cerro Corá (1870) – batalha esta marcada pela morte de Solano López, e que dará nome à produção cinematográfica. Vale ressaltar ainda, como o filme “Cerro Corá” tentou ser fiel ao retrato de Solano López:



**Solano López na ficção e em pintura.**



Tais batalhas foram escolhidas por se adequarem ao grande ideal de exaltação do ex-presidente paraguaio. Curupaiti é a maior vitória paraguaia na guerra, na produção cinematográfica, ela aparece como fruto das perfeitas ações estratégicas promovidas por Solano López. O incêndio ao hospital de Piribebui mostra a valentia do povo paraguaio, que liderado por López, se uniu e defendeu, até o fim, a independência do país. Mulheres, crianças e enfermos foram vítimas de um ataque aliado lançado pelo comandante Conde D'eu. Cerro Corá marca a morte de Solano López, ressaltando o quanto suas ações foram heroicas, López prefere morrer ao se render, defende seu país até o fim.

Um discurso do esquecimento pode ser construído a partir do não dito, como no caso de “Cerro Corá” (1978), onde muitos dos acontecimentos – basicamente os que pudessem apresentar Solano López como um perverso e tirano – foram deixados de lado, em troca de batalhas e acontecimentos que retratassem um lado positivo do presidente paraguaio. Em nenhum momento o filme aponta o início do conflito a partir das ações providas por López, pelo contrário, o presidente paraguaio, tenta, de todas as formas, evitar a guerra.

Em relação a isto, Michael Pollak faz uma importante afirmação:

Conforme as circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (POLLAK, 1989, p.8).

A construção de uma *memória coletiva*, que exalte a figura de Solano López como um grande líder foi uma grande iniciativa da propaganda levada a cabo pelo regime ditatorial de Alfredo Stroessner. Em relação ao conceito de *memória coletiva*, Ulpiano Bezerra de Meneses expõe que:

Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas (MENESES, 1992, p.15).

A historiadora sul-mato-grossense Ana Paula Squinelo, ao tratar do revisionismo acerca da figura de Solano López, afirma que:

Esse movimento ganhou forte relevo no governo ditatorial do general Alfredo Stroessner, líder da nação paraguaia entre os anos de 1954 e

1989. Seu governo, de cunho nacionalista, empenhou-se em uma intensa propaganda política, com o objetivo de despertar o sentimento “patriótico” nos cidadãos paraguaios (SQUINELO, 2002, p.41).

Este movimento patriótico também esteve no cerne de “Cerro Corá”, já que este foi o primeiro filme produzido totalmente no Paraguai, por um diretor – Guillermo Vera – e por atores – Roberto de Felice, Rosa Ros e Pedro Ignacio Aceval – nacionais. “Cerro Corá” também foi o primeiro longa-metragem de ficção dirigido por Guillermo Vera, que mais tarde iria participar da produção binacional de “*A cafetina de meninas virgens*” (1981)<sup>16</sup>, junto com o Brasil. O diretor também se destaca como o autor de uma série de filmes sobre o Paraguai, produzidos para a televisão. Durante a década de 1970, Vera, que havia estudado durante alguns anos na Espanha, tornou-se um diretor de ponta no Paraguai, dirigindo “*Paraguay, tierra de progreso*” (1970), “*Crisol de glória*” (1971) e “*La voluntad de un Pueblo*” (1973). Entretanto, nenhuma destas produções alcançou o sucesso de “Cerro Corá” (1978), filme que tornou-se um símbolo para o país, e que, até os dias atuais, é considerado uma obra canônica.<sup>17</sup>

No que diz respeito ao cinema e à propaganda política, o historiador Wagner Pinheiro Pereira faz um importante relato:

Em qualquer governo, a propaganda é estratégia para o exercício do poder, mas adquire uma força muito maior naqueles em que o Estado, graças aos monopólios dos meios de comunicação, exerce controle rigoroso sobre o conteúdo das mensagens, procurando bloquear toda atividade espontânea ou contrária à ideologia oficial. (...) Dentre todos os meios de comunicação utilizados para exercer tal influência psicológica, o cinema foi bastante privilegiado, tanto pelas ditaduras de direita e de esquerda, quanto pelas democracias liberais (PEREIRA, 2012, p.17-18).

Com base no historiador francês Jacques Le Goff (1994), precisando o seu conceito de “Documento/Monumento”, o filme aqui exposto é analisado como um documento produzido pela sociedade, criado pelas relações de força dos que possuem o poder, e como monumentos, que evocam os acontecimentos do passado através do presente.

Atrelado a isto, definir o que é um filme histórico torna-se bastante importante. Segundo Robert Rosestone, um filme histórico é aquele que “tenta recriar, conscientemente o passado” (2010, p.15). Recriar o passado, apresentando o

<sup>16</sup> Este filme foi gravado no Paraguai, onde recebeu o nome de “Kapanga”.

<sup>17</sup> <http://www.imdb.com/name/nm0893539/> acesso em 23/01/2013.

acontecimento mais marcante da história paraguaia de acordo com as demandas vigentes, seguindo uma doutrina nacionalista é o ponto principal de “Cerro Corá”.

Em relação à *reconstrução consciente* acerca de acontecimentos e personagens da guerra, uma importante questão deve ser ressaltada; a utilização, por parte de Alfredo Stroessner, do *revisionismo histórico* paraguaio para o fortalecimento de seu governo, enquanto nos demais países, os intelectuais revisionistas o fomentaram como uma forma de crítica às ditaduras chefiadas por líderes militares, que comandavam os países do Cone-Sul durante as décadas de 1960 e 1970 – justamente o período em que tal revisão historiográfica passou a se fortalecer e se disseminar.

A exaltação de Solano López tornou-se fundamental para a opressão realizada pelo regime stronista. O uso político do passado histórico forneceu legitimidade ao ditador Alfredo Stroessner. A reconstrução da Guerra do Paraguai no imaginário nacional, ao apontar para a união e o patriotismo dos paraguaios, foi constante na ditadura paraguaia.

Por fim, vale citar, que este trabalho compreende a construção de memória a partir de uma constante luta, de um constante conflito, logo, não há unanimidade, e, sem dúvida, havia setores que enxergavam nas ações de Solano López e Alfredo Stroessner atos de tirania, porém, a exaltação de López, a partir da reconstrução de suas ações na Guerra do Paraguai, conferiu ao ex-presidente paraguaio um *status* de herói, uma imagem extremamente mitificada, perceptível a partir da constante presença de seu nome até os dias atuais no país, através de ruas, praças e outros espaços – principalmente públicos. O cinema e a grande força na propagação de ideias, costumes e memórias que possui, tornou-se fundamental para disseminar este processo.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

BREZZO, Liliana M. *Aislamiento, nación e história en el Rio de la Plata: Argentina y Paraguay*. Siglos XVIII-XX. Rosário: Universidad Católica Argentina, 2005.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341 p.

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FRAGOSSO, Tasso. *A História da Guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.
- IZECKSOHN, Vitor. *O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- LIZEIRO, Priscila; BRITO, Tabita. *Ressentimentos de uma Guerra*. São Paulo: Uniban, 2008.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, 1992.
- O'LEARY, Juan Emiliano. *El Mariscal Solano López*. 3.ed. Assunção: Casa América – Moreno Hnos. 1970.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O Poder das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.
- POMER, León. *La Guerra del Paraguai: gran negocio!*. Buenos Aires: Caldén, 1968.
- ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...* Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2002.

**Artigo recebido em: 27 de setembro de 2013**

**Aprovado em: 21 de novembro de 2013**